

100 mil votos pela saúde

Em São Paulo, uma eleição inédita:
100 mil moradores da periferia se
unem para eleger os fiscais da saúde

Murilo Carvalho

**"Para fazer o Conselho
Vamos tomar uma decisão
Se unir todos os bairros
Para fazer uma eleição (bis)"**

Nas duas últimas semanas esses versos, cantados com a música de Asa Branca, transformaram-se num enorme sucesso, em reuniões, em beiras de campinhos de futebol, durante cultos ou em festinhas de escola, de dezenas de bairros da Zona Leste de São Paulo.

Era quase o hino oficial da eleição dos Conselhos de Saúde, organizado pelos moradores, para fiscalizar os postos de saúde que funcionam precariamente, sustentados pelo governo do Estado. As eleições foram feitas em 19 grandes bairros e reuniu mais de 100 mil votos, numa mobilização surpreendente. Donas-de-casa, organizadas em comissões, percorreram com suas urnas todas as igrejas católicas, os terreiros de umbanda, as igrejas protestantes, as escolas, os bares mais movimentados, as feiras livres, explicando a importância dos conselhos e pedindo votos. Até mesmo policiais da Rota foram convidados a votar: e votaram.

Primeiro criar um posto médico. Depois a comunidade vigia

Movimento ouviu um grupo de donas-de-casa do Curuçá, em São Miguel Paulista, um dos bairros onde as eleições foram mais animadas: quase 13 mil votos. E aqui está um pouco dessa história surpreendente.

O Curuçá, como centenas de outros bairros operários da periferia de São Paulo, é pobre, mal arrumado, ruas de terra, não tem esgoto e só recentemente chegou ali a água. Luz elétrica, só nas áreas mais antigas. As casas são bastante boas, as ruas tranquilas, parecendo um pouco pequenas cidades do interior. Seus moradores — em geral operários migrados do Nordeste ou de Minas Gerais — enfrentam há anos os mesmos problemas que afligem todos os bairros pobres: falta de condução, de segurança, de escolas, de assistência médica. E foi em torno dessas necessidades, cada vez maiores, que um grupo de mulheres resolveu se reunir e procurar algum tipo de solução.

— Um dia a gente estava conversando na Igreja, conta Da. Nésia, uma das mulheres eleitas para o Conselho, e falávamos que precisava ter um posto de saúde por aqui, pois só nesses quatro bairros em volta do Curuçá são mais de 70 mil pessoas que pra qualquer atendimento precisavam ir para São Miguel. Aí alguém lembrou que aqui já tinha tido um Centro de Saúde, mas que tinham fechado, levado tudo embora. Aí nós começamos a pensar em organizar uma comissão e ir até o Secretário da Saúde para pedir o nosso posto de volta. Depois de ir lá duas vezes, conseguimos falar com eles e prometeram reabrir o posto se a gente ar-

rumasse uma casa para alugar. Nós saímos procurando até encontrar uma no jeito e eles então instalaram, com um mobiliário velho, mas instalaram. Até o fogão que funciona lá no Centro de Saúde foi doado pelo povo. Mas nós vimos que apesar de ter o posto, continuava a ter muito problema também. Não tinha médico fixo, faltava remédio, vacina, essas coisas. E o pessoal reclamava: o que que adianta esse posto? Foi aí então que a gente ficou sabendo que num outro bairro aqui da Zona Leste, o Jardim Nordeste, o pessoal tinha criado um Conselho de Saúde, que fiscalizava o posto e ia reclamar de tudo o que estava errado. Fomos ver como era e fizemos aqui no nosso bairro também.

A participação maior nos conselhos de saúde sempre foi das mulheres, por

ocasião da inauguração do posto, em julho, o vereador do PDS, Aurelino de Andrade e o deputado Edson Tomáz de Lima, que saiu do MDB e passou pro PDS, ficaram dizendo que eram eles que tinham conseguido o posto. Aí nós resolvemos fazer uma passeata para provar que era mentira deles, que eles nunca tinham feito nada e quem tinha feito era o povo mesmo.

Nós sempre tomamos cuidado para não deixar nenhum partido político vir aqui e se aproveitar do trabalho que nós mesmos estamos organizando. Mas é claro que a gente vê os que são melhores do que os outros e sabe que se o governo não resolve nada, então o partido dele, o PDS, não presta, e aí vai votar é em outro, de oposição, mas nenhum deles vem dizer pra nós o que fazer.



ficar em casa, cuidar dos filhos e sentir mais de perto os problemas do dia-a-dia. E logo as mulheres perceberam que se a organização não fosse bem ampla, se não envolvesse muita gente no bairro, não iam ter força.

— A gente sentiu isso até num dia que fomos numas 10 mulheres na secretaria da Saúde e a TV Globo que tinha ido lá filmar, não quis filmar a gente porque disse que era muito pouca gente, explica sorrindo Da. Maria, com um claro acento nordestino, que muitos anos de São Paulo não modificaram.

— Bem, continua Da. Nésia, já com o posto instalado, vimos que faltava mesmo um médico, então a Secretaria falou pra nós mesmos arrumar o médico que quisesse trabalhar aqui, que eles contratavam, mas que jeito? Fizemos pesquisa em vários hospitais e não encontramos ninguém porque o salário era baixo demais. Aí enfim a Secretaria acabou mandando esse aí que vem três vezes por semana. Mas na

Andando por outros bairros, em reuniões conjuntas com outros Conselhos de Saúde, acabaram chegando a uma conclusão: unidos, trabalhando juntos, teriam muito mais força. E aí apareceu a idéia de se fazerem eleições conjuntas, para os Conselhos, todas nos mesmos dias, de forma que a posse pudesse ser feita também em conjunto.

— Então cada bairro começou a se organizar melhor, diz Da. Nésia, e a preparar as eleições. Em cada bairro foi respeitado o desejo do pessoal. Em uns teve duas chapas de nomes para o Conselho. Em outro teve uma chapa só, como aqui em Curuçá, onde escolhemos 36 nomes. Depois esses 36 vão eleger um presidente, um secretário. Isso em cada bairro, porque não tem uma direção única dos conselhos, não. É cada bairro com o seu, mas todos trabalhando junto, pra ter muito mais força, não é?

As eleições foram muito boas mesmo, porque quase todo mundo colabo-

rou, mas no começo era difícil porque o pessoal não entendia direito pra que que servia essa eleição e teve uns mesmo que ficaram com medo de assinar o nome deles, perguntavam se isso não ia dar complicação. Sabe como é, o pessoal ainda tem medo dessas coisas. Mas a gente chegava, explicava direitinho e o pessoal votava sim. Eu mesmo fui recolher votos em tudo quanto é lugar, até em bar eu fui. E um dia mesmo eu cheguei na rádio patrulha, né, na Rota, e expliquei o que era e então os quatro PMs votaram e depois pelo rádio eles chamaram outra perua que estava por perto e deu o nome dos outros quatro também, e depois eles votaram. Só as escolas da prefeitura que não ajudaram, e a igreja da Assembléia de Deus. Todos os outros ajudaram. A Pastoral da Saúde, os evangélicos, os terreiros de umbanda, o centro espírita e até os times de futebol. Só aqui no Curuçá teve 12.649 votos, mas tivemos que anular alguns porque o pessoal até escreveu parabéns no voto. Teve um que escreveu assim "Muito bem".

A Secretaria da Saúde, de certa forma, apoiou as eleições, embora não tivesse feito nada oficialmente e chegou mesmo a pedir que os funcionários mais graduados dos postos não votassem.

Depois da saúde, os problemas de ônibus e creches

Em todo caso os moradores do Curuçá esperam que esses Conselhos venham a ser oficialmente reconhecidos e vão lutar para isso, porque para eles é essencial que o governo enxergue na comissão eleita uma representação legítima de todo o bairro.

A posse coletiva — representantes de 19 bairros — foi realizada na praça da igreja de São Mateus, numa solenidade onde estiveram mais de 1.000 pessoas (veja a cobertura no próximo número de Movimento).

— Essa comissão de Saúde ainda é só o começo do nosso trabalho, porque ainda temos muitos problemas no bairro. Depois será o movimento por ônibus, por creches e assim por diante. Porque se o povo não se mexe, e pressiona, nunca ninguém vai fazer nada por eles não, conclui da. Nésia.

MOVIMENTO
Popular